

# A prática educativa em saúde nas consultas de enfermagem e nos encontros com grupos

Practice in health education in nursing in consultations and meetings with groups  
La práctica educativa en salud en las consultas de enfermería y en las reuniones con los grupos

Vera Maria Sabóia\*

Geilsa Soraia Cavalcanti Valente\*\*

## Resumo

Síntese reflexiva sobre atividades educativas desenvolvidas com estudantes de Graduação em Enfermagem no Hospital Universitário Antônio Pedro, Universidade Federal Fluminense – UFF no Programa de Extensão “Educação em Saúde com Diabéticos”. Objetivos: descrever a prática de educação em saúde na consulta de Enfermagem e nos encontros com o grupo de diabéticos do HUAP-UFF e discutir a dinâmica do trabalho educativo-participativo, sob a ótica dos acadêmicos de Enfermagem. Método: Pesquisa-ação. Utilizou-se a observação dos estudantes em sala de aula, campo de estágio e encontros grupais, procurando captar as relações que estabelecem com a clientela, problemas que desafiam e a percepção que os mesmos têm da situação e das possibilidades de mudança. Utilizou-se outros procedimentos de coleta de dados como produtos pedagógicos, frutos de trabalhos de avaliação, dinâmicas desenvolvidas em classe e monografias elaboradas ao final do curso. Os cenários foram a Escola de Enfermagem e o Hospital Universitário. A análise dos dados foi realizada através de categorização temática. Resultados: Os conteúdos emergidos das análises favoreceram a construção e a discussão da categoria analítica denominada “um outro modo de fazer educação em saúde”. Conclusão: Evidenciou-se a importância da formação de enfermeiros, para atuarem como educadores, numa perspectiva crítica, progressista e transformadora.

**Palavras-chave:** enfermagem em saúde comunitária; educação em saúde; Diabetes Mellitus; prioridades em saúde.

## Abstract

Reflective synthesis of educational activities with undergraduate students in nursing at the Antônio Pedro University Hospital, Universidade Federal Fluminense - UFF Program Extension Education in Health with Diabetes. Objectives: To describe the practice of health education in nursing consultations and meetings with a group of diabetic patients in the UFF and to discuss the dynamics of participatory educational work, from the viewpoint of nursing students. Method: Action Research. We observed students in the classroom, during field training and in group meetings, trying to capture the relationships they established with clients, and the problems that challenged their perceptions of the situation and the opportunities for change. We used various procedures for data collection, such as teaching products, results of evaluation work and dynamics developed in class and monographs prepared by the end of the course. The settings were the School of Nursing and University Hospital. Data analysis was performed using thematic categorization. Results: This content analysis led to construction and discussion of the analytical category named “Another way of doing health education.” Conclusion: We identified the importance of nursing education for acting as an educator with a critical, progressive and transformative perspective.

**Keywords:** community health nursing; health education; Diabetes Mellitus; health priorities.

\* Doutora em Enfermagem pela EEAN/UFRJ, Professora Titular do Departamento de Fundamentos de Enfermagem e Administração da EEAC/UFF. [verasaboia@uol.com.br]

\*\* Doutora em Enfermagem pela EEAN/UFRJ, professora Adjunto do Departamento de Fundamentos de Enfermagem e Administração da EEAC/UFF. [geilsavalente@yahoo.com.br]

## Resumen

Síntesis reflexionada sobre actividades educativas desarrolladas con estudiantes de licenciatura en enfermería en el Hospital Universitario Antônio Pedro (HUAP), Universidade Federal Fluminense (UFF) en el Programa de Extensión «Educação en Salud con Diabéticos». Objetivos: describir la práctica de educación en salud durante la consulta de Enfermería y en las reuniones con el grupo de diabéticos del HUAP-UFF y discutir la dinámica de la labor educativa-participativa, según la óptica de los académicos de enfermería. Método: Investigación-Acción. Se utilizó la observación de los estudiantes en el aula, en el campo de las prácticas y otros encuentros grupales, tratando de captar las relaciones que establecen con los clientes, los problemas que enfrentan y la percepción que estos tienen de la situación y de las posibilidades de cambio. Se utilizaron otros procedimientos para la recolección de datos como productos pedagógicos, frutos de trabajos de evaluación, dinámicas desarrolladas en clase y monografías elaboradas al final del curso. Los escenarios fueron la Escuela de Enfermería y el Hospital Universitario. El análisis de datos se realizó mediante la categorización temática. Resultados: Los contenidos emergidos de los análisis favorecieron la construcción y la discusión de la categoría analítica denominada “otra forma de impartir la educación en salud.” Conclusión: Se evidenció la importancia de la formación de enfermeros, para que estos actúen como educadores, desde una perspectiva crítica, progresista y transformadora.

**Palabras clave:** enfermería en salud comunitaria; educación en salud; Diabetes Mellitus; prioridades en salud.

Recebido para publicação em: 30.03.10

Aceite para publicação em: 20.10.10

## Introdução

Esta pesquisa compõe uma síntese reflexiva sobre as atividades educativas desenvolvidas com estudantes de Graduação em Enfermagem no Hospital Universitário Antônio Pedro, da Universidade Federal Fluminense – UFF, através do Programa de Extensão Universitária “Educação em Saúde com Diabéticos: uma realidade no HUAP-UFF”. A iniciativa tem como propósito fortalecer a conexão entre o mundo da formação e os desafios inerentes ao mundo do trabalho de forma dinâmica e participativa.

A proposta está fundamentada em Reibnitz e Prado (2003), quando ressaltam que, quando se insere precocemente os estudantes no mundo do trabalho, contribui-se para um ensino prático-reflexivo e para a formação de profissionais capazes de questionar às diferentes demandas que o mundo do trabalho e suas transformações lhes impõem.

Assim, o objeto deste estudo é: A prática de Educação em Saúde na Consulta de Enfermagem e nos encontros com grupos. Para atender ao objeto, os objetivos são: Descrever a prática de educação em saúde na consulta de Enfermagem e no encontro com o grupo de diabéticos do HUAP-UFF e Discutir a dinâmica do trabalho educativo-participativo, sob a ótica dos acadêmicos de Enfermagem.

O Grupo dos Diabéticos do HUAP foi implantado em 1985, época em que as ações de saúde voltadas para a comunidade ganharam espaço, no bojo da proposta das Ações Integradas de Saúde (AIS), preconizando uma estratégia de integração e racionalização das ações de saúde. A formação do grupo ocorreu como reação à prática assistencial funcionalista e individualista e expressou preocupação de alguns profissionais com a crescente demanda ambulatorial da clientela diabética. O Projeto Niterói é uma prova concreta desta intenção de mudança no município que, apesar de não ter sido implantado em sua totalidade, serviu de modelo a outros projetos de integração e racionalização dos serviços públicos de saúde (Sabóia, 1997, p. 25).

Atualmente, o Grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF está vinculado ao Programa de Extensão Universitária intitulado “Educação em Saúde com Diabéticos: uma realidade no HUAP-UFF” e conta com a participação de cerca de 2000 clientes e de uma equipe multiprofissional, composta por cinco enfermeiras (duas assistenciais, duas docentes e duas residentes),

médicos endocrinologistas (professores e residentes) e duas nutricionistas, sendo uma do quadro técnico-administrativo do hospital e outra voluntária no programa.

A maioria dos participantes do grupo possui idade igual ou superior a 60 anos, são diabéticos do tipo 2, em uso de insulina, aposentados ou desempregados, donas-de-casa de classe social média baixa e baixa, moradores do município de São Gonçalo ou de bairros da periferia de Niterói. Muitos vivem sozinhos e não dispõem de recursos que lhes possibilitem uma sobrevivência digna.

O programa dispõe de sala própria, para a realização da Consulta de Enfermagem, fornecendo seringas e agulhas descartáveis, insulinas, além de impressos próprios, confeccionados em parceria com profissionais, estudantes e clientes. Os encontros grupais são realizados quinzenalmente na sala 2 do prédio anexo ao HUAP-UFF. Tem-se como objetivo Geral: Desenvolver Consultas de Enfermagem e encontros grupais com pessoas portadoras de Diabetes Mellitus Tipo 2 e seus familiares, ressaltando o caráter educativo deste procedimento com vistas ao equilíbrio da glicemia.

Seus objetivos específicos são: Estimular o cuidado de si, com vistas ao equilíbrio glicêmico e consequente diminuição de complicações e internações; Realizar atividades educativas em grupo priorizando estratégias participativas; desenvolver atividades culturais, lúdicas e/ou de lazer com os participantes do programa (clientela, estudantes e profissionais), implementando visão ampliada da Educação em Saúde, articular saber científico e saber popular; Fortalecer o campo de ensino teórico-prático para estudantes, enfermeiros assistenciais e professores.

## A dinâmica do programa educativo-participativo

Depois de efetuarem a matrícula, os clientes são atendidos individualmente por diferentes profissionais, numa abordagem multidisciplinar dentro de cada área. A Consulta de Enfermagem acontece diariamente, de 2ª à 5ª feira, pela manhã e à tarde. Uma das enfermeiras docentes, além de coordenar o trabalho, supervisiona o atendimento realizado pelos alunos do 4º período da disciplina de Fundamentos da Enfermagem da Escola de Enfermagem da UFF.

Após a identificação do cliente, o que inclui dados de caracterização pessoal e histórico da doença, durante a consulta é avaliado o seu estado emocional, através da observação direta, bem como o nível de consciência. A presença de hálito cetônico também é verificada. Os sinais vitais fazem parte do exame, valorizando-se principalmente a verificação da pressão arterial, faz-se a detecção e/ou se acompanha a evolução de complicações, como as de ordem visual, condições circulatórias periféricas, condições do tecido adiposo, principalmente quando o cliente faz uso de insulina e condições do tecido cutâneo-mucoso em busca de lesões dermatológicas. Os resultados dos testes de glicemia capilar, realizados durante a consulta ou no domicílio do cliente (automonitoração), são registrados em impresso próprio.

Tais resultados, somados às queixas do cliente, indicam o seu estado geral e a necessidade de ser acompanhado no próprio hospital ou ser encaminhado para a unidade de saúde próxima de sua residência.

Nas consultas de primeira vez, realizadas pelos alunos junto com as professoras, utiliza-se um Instrumento de Coleta de Dados Baseado nos Padrões de Respostas Humanas. Tal protocolo de atendimento contém dados de identificação, entrevista e exame físico, além de perguntas relacionadas ao conhecimento do Diabetes Mellitus, ao controle da dieta, cuidados com o corpo (higiene e exercícios), questões emocionais e adesão ao tratamento. De acordo com a necessidade, os assuntos são mais aprofundados, de preferência com a participação de pelo menos um familiar. Ao final da consulta, têm-se subsídios importantes que auxiliam na identificação do diagnóstico de enfermagem, favorecendo não só a organização de um programa de continuidade do tratamento, a prescrição de enfermagem, como também a realização de encaminhamentos necessários. A evolução do paciente é registrada no seu prontuário, de acordo com o seu estado geral.

Quinzenalmente são realizados os encontros grupais, com a participação de usuários, profissionais e estudantes. Nesses eventos, discute-se temas referentes ao Diabetes Mellitus, bem como, cuidados gerais e com os pés, sinais e sintomas das complicações crônicas e agudas, sexualidade, depressão, importância da dieta e do exercício físico no tratamento. São também discutidas situações do cotidiano, de interesse geral, como as relacionadas ao sistema de saúde e aos acontecimentos da atualidade.

Esta forma de ensino possibilita que o estudante conheça pessoas, experimente e vivencie diversas situações, favorecendo o desenvolvimento de seu potencial com vistas a mudanças (Rodrigues, Pereira e Ferreira, 2006, p.63). Desta forma, a par da ajuda aos usuários, o programa favorece mudanças na formação do graduando em enfermagem.

No grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF, os temas são sugeridos pelos próprios clientes, no início do semestre letivo e servem como estímulo à discussão, possibilitando uma reflexão crítica da problemática. Percebe-se, nestas ocasiões, um sentimento de solidariedade entre os clientes e de orgulho naqueles que apresentam glicemias dentro da faixa normal. Rotineiramente, durante os encontros, é servida uma colação aos participantes do grupo, como forma de aproximar os integrantes, assim como para difundir o hábito saudável e necessário ao diabético de alimentar-se no meio da manhã.

Essa orientação é compatível com as propostas de (Valla e Stotz, 1994, p. 13), quando reforçam que a educação em saúde constitui um campo de conhecimento que pode facultar melhor compreensão das relações entre condições de vida e de trabalho e a saúde e a doença, apontando os meios para pressionar os governos a aplicarem os recursos públicos conforme as necessidades da população trabalhadora. Ao incentivar a reflexão e a crítica sobre os fatores relacionados com as condições de vida que interferem no aparecimento das doenças de um modo geral, inclusive o Diabetes Mellitus, encontra-se profícuo espaço para debater direitos de cidadania com a clientela. Com esse intuito, durante os encontros é enfatizada a relação existente entre saúde e condições de vida.

O trabalho com grupos, portanto, pode ajudar as pessoas a se relacionar ou restabelecer vínculos perdidos numa sociedade cada vez mais individualista. Por meio da interação intersubjetiva, as pessoas aprendem umas com as outras a enfrentar os conflitos da vida cotidiana, fortalecendo a auto-estima e ampliando outras realidades em seu mundo (Zamanillo, 2008, p.12).

## Metodologia

Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa que utiliza com estratégia a pesquisa-ação. A opção pelo estudo de caso deve-se ao fato que este tipo de abordagem é indicado quando queremos algo singular, que tenha valor em si mesmo.

De acordo com (Lüdke e André, 1986, p.17), “O estudo de caso é o estudo de um caso seja ele simples e específico”, como o caso referente à formação educativa de enfermeiros na EFAAC-UFF. Apesar de ser um caso similar a tantos outros é, ao mesmo tempo, distinto, pois apresenta interesse próprio e singularidade.

A opção pela pesquisa-ação deve-se ao fato que tal estratégia de investigação valoriza a compreensão e interação entre o pesquisador e os demais membros da situação investigada. Além disso (Barbier, 1996, p.156), considera a pesquisa-ação como uma atividade de compreensão e de explicação da práxis dos grupos sociais por eles mesmos com o objetivo de melhorar sua práxis.

A pesquisa-ação institucional é um tipo particular de pesquisa-ação, cujo objeto se refere ao campo institucional que gravita o grupo em questão. Neste sentido, buscou-se compreender e explicar a prática educativa desenvolvida com os estudantes, visando novas possibilidades no campo institucional em que estamos inseridos; ou seja, a Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense e no Hospital Universitário Antônio Pedro, Niterói, Rio de Janeiro.

A pesquisa-ação é concebida como “aliança estratégica de sujeitos coletivos inscritos em categorias singulares, que passam a produzir relatos sobre si e sobre suas tradições e posições sócio-culturais, inscrevendo suas identidades no horizonte mais amplo das culturas” (Costa, 2002, p.94). Acredita-se que tal orientação metodológica favoreceu a produção de informações e conhecimentos de uso efetivo, propondo mudanças a nível pedagógico, a partir da ação no caso em tela, dos próprios estudantes.

Os sujeitos do estudo foram 47 estudantes do Curso de Graduação em Enfermagem, que participaram do Programa de Extensão seja como, acadêmico bolsista, voluntário ou como pesquisador. No sentido de preservar o anonimato, os sujeitos foram identificados com nomes fictícios.

Os cenários foram a Escola de Enfermagem e o Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense, mais precisamente, a sala 147 do setor de ambulatorios e o espaço ocupado pelos encontros grupais do Grupo dos Diabéticos na sala 2 do prédio anexo ao HUAP-UFF. Os dados deste estudo foram coletados durante o 1º semestre de 2004, no estágio teórico-prático (ETP) no campo de consultas com clientes diabéticos.

Os procedimentos de coletas de dados foram: a observação participante, o levantamento bibliográfico dos trabalhos acadêmicos realizados pelos estudantes como avaliações e outros “produtos pedagógicos”, frutos de dinâmicas desenvolvidas em sala de aula e relatórios de campo realizadas pelos estudantes com o Grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF. Assim foi possível perceber a relação dos estudantes com a clientela, suas reações corporais, emocionais, a reação dos clientes, entre outros aspectos.

## Resultados e discussão

De modo geral, todo o trabalho educativo visa mudanças de hábitos da clientela através da informação. Na visão conservadora, educar em saúde é levar as pessoas a compreenderem as soluções que os profissionais consideram corretas. A transmissão de conhecimentos é definida como atividade principal no modelo tradicional da prática educativa em saúde. Considerando essa tendência ainda hegemônica, (Wendhausen e Saupe, 2003, p.24) assinalam ser urgente repensar a prática educativa em saúde, desenvolvida por enfermeiros. As novas propostas de atendimento constituem avanço importante rumo ao modelo assistencial do SUS, mas existe o risco de que se adotem mudanças administrativas de natureza cosmética, permanecendo as práticas que se condena há tanto tempo.

Nesse passo, é essencial compreender que esta modalidade de trabalho pressupõe uma concepção de educação em saúde como instrumento efetivamente transformador, no sentido de construir sujeitos livres, que descubrem seu poder e potencial para produzir saber e gerar novos conhecimentos, tendo em vista empreender medidas que garantam melhoria da qualidade de vida dos grupos e pessoas nela envolvidos (Sabóia, 2003, p. 118).

De forma coerente com essa filosofia de trabalho, estudantes participantes do programa manifestaram que: “O cuidado não é uma técnica pura e simples, e sim um processo de reflexão e de aplicação intelectual desenvolvida pelo enfermeiro, considerando o cliente como um todo, um ser holístico” (Carolina e Rafaela); “Houve a possibilidade de observar o cliente numa visão holística podendo incrementar e aprofundar a utilização dos conhecimentos técnico-científicos podendo assim gerar novas formas de visualizar velhos saberes, criando

oportunidades de evolução e construção de nossa personalidade enquanto futuros profissionais” (Luana e Patrícia);

“O cliente não é apenas observado como portador de uma doença crônica e sim uma pessoas que vivem, que necessita ser respeitado e ouvido” (Kely e João).

Através dessas concepções que expressam o cuidado integral, percebe-se os clientes como sujeitos do processo de cuidados, que precisam ser ouvidos, apoiados e atendidos em suas necessidades, de modo que possam tomar suas decisões e agir, a partir de suas descobertas, recuperando seu espaço e poder, como indivíduos e cidadãos.

Na prática educativa desenvolvida no Grupo dos Diabéticos, observa-se que o cliente busca mais que uma consulta com um profissional de saúde, medicação ou exames. Com base nesse pressuposto, o programa constitui espaço onde se deseja receber e dar apoio, orientações e informações. Identificar essa demanda é fundamental para garantir a integralidade do cuidado.

Pode-se depreender do que tem sido exposto em diferentes fontes oficiais que a integralidade da atenção à saúde, preconizada pelo SUS, implica ampliação dos referenciais que fundamentam a prática profissional, estendendo-a para além do reconhecimento da limitação da ação uniprofissional, com o intuito de atender as necessidades de saúde de indivíduos e populações. Na verdade, a atenção integral implica mudanças nas relações de poder entre profissionais de saúde (no sentido de constituírem equipes multiprofissionais e interdisciplinares) e entre profissionais de saúde e usuários (para que se desenvolva efetivamente a autonomia dos usuários) (Brasil, 2004a).

Nessa perspectiva, o integrante do programa é o cliente atendido pelos profissionais envolvidos e que participa dos encontros do Grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF. Obviamente, há que se considerar as dificuldades individuais, assim como a própria disponibilidade do cliente em participar dos encontros. Por isso, quem tem problemas de locomoção e/ou ainda não se encontra motivado não é obrigado a participar. Durante as consultas explica-se a proposta do trabalho, salientando-se a importância da educação no tratamento do Diabetes Mellitus, sendo que o fornecimento de insulina, assim como do restante do material, não é diretamente relacionado ao comparecimento aos encontros.

Quando levados a refletir sobre a prática que desenvolvem com os clientes, a possibilidade da implementação da metodologia da assistência foi ressaltada pelos estudantes, assim como a oportunidade de perceber a diversidade do ser humano. Os textos abaixo revelam tais possibilidades: “Realizar a consulta de enfermagem nos deu um enorme prazer [...] estar no Grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF foi um grande aprendizado para todas nós e com certeza um ótimo começo na nossa prática, pois vimos uma gama de pessoas diferentes e aprendemos a melhor forma de ganhar a confiança de cada uma delas, para que elas dividissem suas vidas e vivências conosco” (Bia e Bruna); “Foi no intuito de comprovar na prática da disciplina a eficácia da metodologia da assistência de enfermagem, que este trabalho foi realizado por alunas do 4º período do Curso de Graduação em Enfermagem, atendendo á proposta da disciplina Semiologia e Semiotécnica I” (Renata e Paula); “A realização do trabalho foi de grande importância, pois contribuiu para o desenvolvimento e aplicação da Metodologia da assistência de Wanda Horta. Além disso, promoveu uma grande interação entre o graduando de Enfermagem e o cliente, os quais favoreceram aprendizagem e o aprimoramento do conteúdo teórico” (Daniele e Gabriela).

O caráter educativo da Consulta de Enfermagem também foi destacado pelos alunos: “Nas Consultas de Enfermagem, o cliente tem a oportunidade de trocar informações sobre alguns questionamentos [...] Desta forma com profissionais e estudantes contribuem com seus conhecimentos técnicos e científicos e sobretudo colocam em prática sua vertente educativa buscando a participação ativa do cliente e facilitando o processo ensino-aprendizagem” (Rafael). Ao estimular o cuidado de si, através da prática educativa em saúde, o enfermeiro está contribuindo para o equilíbrio da glicemia e, dessa forma, contribui para minimizar e/ou evitar o aparecimento de complicações agudas e crônicas, frequentes nas pessoas que vivem com Diabetes. Pensando no assunto, algumas estudantes se pronunciaram com o seguinte teor: “O trabalho de educação em saúde no grupo educativo de Diabetes Mellitus é uma comprovação da eficácia da Enfermagem, no sentido de promover saúde através do estímulo e da capacitação dos clientes para o cuidado de si” (Juliana e Roberta).

Tal fato ficou comprovado em estudo estatístico realizado, quando se verificou que apenas 22%



dos clientes que não frequentavam as consultas de enfermagem, regularmente apresentavam diminuição das glicemias em relação às aferições anteriores. Ao contrário, 83% dos clientes que frequentavam as consultas de enfermagem, apresentavam glicemias menores do que as anteriores (Ramos, 2004, p. 54).

A superação de obstáculos durante o processo ensino-aprendizado também foi objeto de reflexão pelos alunos, quando mencionaram que:

“Superamos muitos obstáculos e dificuldades encontrados num primeiro contato com o cliente como: o medo, a insegurança, a utilização de uma linguagem de fácil compreensão. No entanto, no decorrer do ensino teórico-prático conseguimos transpor esses obstáculos e aprimorar a assistência prestada e pudemos perceber a importância da educação em saúde no tratamento do Diabetes” (Priscila e Sandra); “Essa experiência tornou possível a identificar dificuldades pessoais tais como a barreira do primeiro contato com o cliente ambulatorial, que foram vencidas no decorrer do ensino-teórico-prático” (Priscila e Sandra); “Apesar da estrutura hospitalar, onde se realizou a atividade não atender por completo nossas necessidades, assim como a falta de alguns materiais encontramos profissionais competentes e qualificados à ação que se promove nesta unidade hospitalar” (Ana e Rafael).

Conforme a orientação teórico-filosófica da proposta educativa que abraçamos, entendemos que as instituições de saúde não devem ser apenas locais de tratamento de doentes, mas também, local de produção, acúmulo e troca de saber. Nessa perspectiva, é crucial valorizar o aspecto positivo do poder, eis que ele também pode servir como instrumento de mudança e emancipação (Sabóia, 1997, p.78).

De maneira coerente com esse princípio, uma entrevistada conferiu ênfase à troca de conhecimentos com os usuários, quando referiram:

“Aprendemos muito com os clientes. Ensinamos como verificar a glicose na urina (glicosúria), sobre o cuidado com os pés, a dieta e sobre a doença propriamente dita, além do exame físico. Com os clientes aprendemos que podemos viver com a doença sem que ela nos afete tanto desde que se siga corretamente o que foi prescrito” (Eliane).

Da mesma forma, veio à tona a diversidade entre os indivíduos:

“Aprendi que não se pode tratar a doença do mesmo

modo em todas as pessoas” (Eliane).

O fundamental da análise é que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder, sem constituição de um campo de saber, como também reciprocamente, o saber constitui novas relações de poder. Todo o ponto de exercício do poder constitui, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber (Machado apud FOUCALT, 1993, p.19)

Nos encontros grupais, com a participação de usuários, profissionais e estudantes, são discutidos temas referentes ao Diabetes Mellitus, como os cuidados gerais e com os pés especificamente, sinais e sintomas das complicações crônicas e agudas, sexualidade, depressão, importância da dieta e do exercício físico no tratamento, bem como situações do cotidiano, de interesse geral, como as relacionadas ao sistema de saúde e a acontecimentos da atualidade, favorecendo mudanças na formação do graduando em Enfermagem. A fala abaixo confirma esse pressuposto:

“Consideramos importante divulgar essa experiência uma vez que o grupo se constitui num espaço de prática profissional e crescimento pessoal” (Carolina).

Os temas são sugeridos pelos próprios clientes, no início do semestre letivo e servem como estímulo à discussão, possibilitando uma reflexão crítica da problemática. Percebe-se, nestas ocasiões, um sentimento de solidariedade entre os clientes e de orgulho em participarem do trabalho além da satisfação daqueles que apresentam glicemias dentro da faixa normal.

Rotineiramente, durante os encontros é servida uma colação aos participantes do grupo, como forma de aproximá-los, assim como para difundir o hábito saudável e necessário ao diabético de alimentar-se no meio da manhã. Essa orientação é compatível com as propostas de (Valla e Stotz 1994, p. 13), quando reforçam que a educação em saúde constitui um campo de conhecimento que pode facultar melhor compreensão das relações entre condições de vida e de trabalho e a saúde e a doença, apontando os meios para pressionar os governos a aplicarem os recursos públicos conforme as necessidades da população trabalhadora.

Ao incentivar a reflexão e a crítica sobre os fatores relacionados com as condições de vida que interferem no aparecimento das doenças de um modo geral, inclusive o Diabetes Mellitus, encontramos profícuo espaço para debater direitos de cidadania com a

clientela. Com este intuito, durante os encontros é enfatizada a relação existente entre saúde e condições de vida que foi observada pela estudante.

“Uma cliente conta o que não devem fazer com os pés e fala sobre como devem fazer para adequar o diabetes no seu dia a dia. Procuram figuras nas revistas. Além da aluna algumas pessoas também escrevem no papel e falam sobre os sinais e sintomas do diabetes” (Roberta).

Com esse enfoque, os encontros quinzenais tornaram-se um espaço onde são apresentadas e analisadas as dificuldades pessoais e coletivas que impedem os usuários de viverem de forma saudável, de acordo com seus valores, crenças e experiências. Através de dinâmicas, debates, apresentação de sugestões, relatos de experiências, rompe-se o silêncio valorizando-os e incentivando sua socialização. Os comentários das acadêmicas demonstram tal iniciativa:

“Foi possível perceber que os pacientes que compareceram pela 1ª vez ao encontro se sentiram muito à vontade no grupo, fazendo questionamentos e comentários sobre o assunto em discussão” (Graça); “Muitos participaram fizeram comentários sobre as plantas e chás, e colocando experiências válidas e/ou desastrosas com o seu uso” (Vanessa); “Para comemorar cantamos ‘Parabéns para você’ (Eve); “O encontro terminou muito harmonioso e todos demoraram a sair da sala, o que parece é que gostariam que continuasse o encontro” (Graça).

Entre os princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde - SUS - universalidade, integralidade, regionalização, hierarquização, resolutividade, participação e descentralização - o da Participação é de grande relevância, pois permeia todos os demais, dinamizando o processo de planejamento. Nessa linha de pensamento, é necessário que os enfermeiros e demais profissionais de saúde orientem a prática pedagógica no sentido da mudança, participação e de exercício da democracia.

Trabalhar com grupos tem sido uma prática cada vez mais valorizada e frequente. Em grupo tem se conseguido avançar, aprofundar discussões, ampliar conhecimentos e melhor conduzir o processo de educação em saúde. Tal prática favorece a superação das dificuldades, obtenção de maior autonomia e a promoção de um viver mais saudável (Silva, 2003, p. 98).

Em relação à ampliação do conhecimento, o programa fundamenta-se na articulação entre o saber popular

e o científico. Apesar de serem reconhecidamente distintas essas modalidades de conhecimento não são opostas; elas se complementam e se implicam mutuamente. Tal integração também foi percebida pelas estudantes:

“Participar do Grupo dos Diabéticos desperta nas acadêmicas a importância da integração entre equipe e clientela [...] Fica evidente que cada integrante traz consigo um saber popular que articulado ao saber científico colabora para o crescimento individual e coletiva” (Rafaela); “A proposta para este encontro era falar sobre as complicações crônicas que acometem o cliente diabético [...] a montagem de painéis será feita por eles, e que irão subsidiar a formação de novos folhetos para serem usados com os clientes no grupo. Todos parecem gostar da idéia. Alguns precisam de ajuda, outros organizam os grupos sozinhos” (Tatiana).

Alunas voluntárias e bolsistas do programa fizeram referência a experiência/vivência no grupo. A afirmativa abaixo, título de um trabalho apresentado em evento da área, é exemplar nesse sentido: “Participar do programa foi uma experiência enriquecedora” (Carol).

A participação da clientela também foi destacada: “Todos, sem exceção, mostram-se satisfeitos por estarem ali. Além disso, sempre aparecem novos participantes a cada encontro” (Rafaela); “Os participantes dos grupos perguntam sobre o trabalho, demonstrando bastante interesse pelo tema proposto. Enquanto isso, mais pessoas chegam para integrar os grupos, que são formados de acordo com os integrantes” (Mônica); “A participação é conjunta. Estão bastante envolvidos. Um cliente conta sua história de vida e como tenta conviver bem com o diabetes, bebendo muita água e fazendo exercícios físicos. Todos estão concentrados em obter figuras para ilustrar o painel.” (Graça)

Em sua versão tradicional, a maneira como são estruturados e funcionam os processos de formação e de práticas profissionais em saúde configura um quadro de raciocínio propositivo e avaliativo comprometido com muitos tipos de interesse, exceto o dos usuários. O trabalho das equipes e das organizações de saúde deveria, entretanto, centrar-se na correspondência aos interesses do usuário, inclusive no sentido de contribuir para a sua autonomia e para a sua capacidade de intervenção sobre a vida (Brasil, 2004a).

Trabalhar em equipe é outro aspecto do processo educativo proporcionado pelo Grupo dos Diabéticos. São comuns os elogios feitos por alunos às enfermeiras e demais profissionais que atuam no programa, destacando o compromisso, a dedicação e a qualificação das futuras colegas. Algumas já foram homenageadas nas próprias dedicatórias e agradecimentos nas monografias como nos textos seguintes:

Às enfermeiras pelo carinho e abertura na realização deste projeto e aos pacientes do grupo dos Diabéticos, por proporcionar novas perspectivas e contribuir para o meu crescimento profissional (Coimbra, 2004).

Aos profissionais e clientes do grupo dos Diabéticos do HUAP por terem me oferecido tanta atenção e me recebido com muito carinho em todos os momentos que precisei (Silva, 2002).

Por outro lado, as enfermeiras já incorporaram a presença dos estudantes no serviço e dizem “sentir falta” dos acadêmicos, quando estão de férias ou em períodos de greve. Esse dado de realidade é compreensível, uma vez que o processo ensino-aprendizado desenvolvido no Grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF dá ênfase à relação de poder, não só entre os profissionais, mas também entre estes e a clientela. As alunas perceberam esta relação e disseram: “Aprendi a valorizar o indivíduo e a sua história de vida e, também, compartilhar os saberes [...] o jeito de me portar diante do grupo” (Paula); “Aprendi também, que através de problemas como o Diabetes podemos ajudar outras pessoa [...] através da criação de folhetos educativos com as próprias falas e vivências dos clientes do grupo” (Paulina); “Após a construção dos painéis e discussão entre os componentes dos subgrupos, cada um escolheu um relator para informar sobre as atividades desenvolvidas em conjunto” (Tatiana).

Nessa linha de pensamento Zimerman e Osório (1997) salientam a diferença entre grupo propriamente dito e grupamento. Por grupamento entendem um conjunto de pessoas que compartilham um mesmo espaço e guardam entre si certas possibilidades de virem a se transformarem em um grupo propriamente dito. Como exemplo de grupamento, citam uma fila de ônibus: as pessoas têm o mesmo interesse, apesar de não guardarem qualquer vínculo. A diferença entre agrupamento e grupo se dá na transformação de “interesses comuns” para “interesses em comum”.

Abraçando essa orientação, o Grupo dos Diabéticos

do HUAP-UFF constitui um grupo propriamente dito, pois ultrapassa a mera condição de somatório de pessoas, ao contrário; busca estabelecer nova identidade, com leis e mecanismos próprios; todos os participantes estão reunidos em torno de um mesmo objetivo: a melhoria da sua qualidade de vida.

Nas falas dos estudantes, pode-se identificar que os objetivos do grupo são basicamente dar apoio, aprender e ensinar novos saberes e a socialização: “O Grupo é um espaço para que os clientes coloquem suas dúvidas, anseios, medos e expectativas.. eles não têm com quem conversar. Às vezes chegam tímidos quase sem falar nada. aos poucos vão se soltando e participando mais” (Rafaela); “É impressionante como um ajuda o outro e como eles nos ajudam também. As vezes não estou bem naquele dia mas ao final do encontro me sinto outra pessoa..acho que com eles acontece a mesma coisa. Por isso voltam sempre” (Eve).

Debatendo o assunto Teixeira e Figueiredo (2001) ressaltam que o relacionamento amistoso favorece a integração no campo educativo, que vai além da competência técnica e científica. É através dessa relação que se cria o vínculo e se garante motivação do cliente no tratamento. O relacionamento é individualizado, pois a abordagem diferencia-se conforme o nível de desenvolvimento psicológico e pedagógico.

“Eles se conhecem há muito tempo [...] percebo um vínculo forte entre eles mas ao mesmo tempo nos recebem muito bem” (Rafaela).

Ao conhecer cada vez mais o perfil dos clientes participantes do grupo foi-se percebendo que existiam outras formas de melhorar o relacionamento entre eles e a equipe. A eficiência das “palestras” e “reuniões” tradicionais foi questionada.

Sobre este aspecto, na relação entre profissional e cliente, a capacidade deste para questionar, assim como sua iniciativa, são fundamentais no seu tratamento e recuperação (Martins, 2009,p.49).

A pedagogia de Célestin Freinet, educador francês, também contribuiu para mudanças epistemológicas no programa. A identificação com suas idéias foram imediatas e, assim, tratou-se de colocar em prática sua forma de ensinar que visa a emancipação popular, a comunicação, a democracia e a paz através por exemplo da “aula passeio”.

A técnica de aula-passeio deve ser encarada com muita responsabilidade, pois ao fazer os planos do



passeio, preparar os materiais necessários, estar atento aos roteiros, participar das tarefas durante a saída, o aluno além de viver um aprendizado natural e agradável tem oportunidade de ampliar as formas de relacionamento com colegas, professores e acompanhantes (Sampaio, 1989). Assim, passou-se a realizar, a cada semestre, o “passeio do grupo” sempre num local diferente escolhido pelos participantes. Os passeios contribuíram para uma maior integração dos integrantes.

No Grupo dos Diabéticos do HUAP-UFF, os assuntos são sugeridos pelos participantes, inclusive alunos e profissionais que, após ampla discussão, elaboram uma agenda para ser seguida durante o semestre. Tal organização parte dos próprios clientes que preferem esse procedimento que favorece a preparação de cada participante para o encontro. Muitas vezes, trazem artigos de jornal e revistas sobre o tema a ser discutido.

Os assuntos sugeridos são praticamente todos atendidos durante o ano, o que demonstra que as discussões são voltadas para o interesse do grupo e a liderança não está centrada no coordenador. Tal atitude democrática facilita as discussões, pois o assunto é de interesse de todos. Discutindo esse aspecto Zimerman e Osório (1997) destacam os atributos necessários a um coordenador de grupo enfatizando a pessoa real, o jeito verdadeiro de ser e coerência, os atributos humanos que ele possui.

Destacam-se os seguintes aspectos, considerados imprescindíveis: 1. Gostar e acreditar em grupos. O que não impede que venha a sentir transitórias ansiedades, cansaço e descrença; 2. Coerência. Incoerências sistemáticas fragilizam a função educadora do coordenador; 3. Senso de ética. O coordenador não tem o direito de inculcar seus próprios valores e crenças. Além disso, é fundamental a manutenção do sigilo daquilo que lhe foi confiado; 4. Respeito. É necessário manter distância ótima entre o coordenador e os integrantes. 5. Paciência. Entendida como atitude ativa, como um tempo de espera necessário para cada pessoa; 6. Contínua. Possibilidade de conter as possíveis fortes emoções que podem emergir num encontro, inclusive as suas próprias; 7. Função de pensar. Perceber se os participantes sabem pensar idéias, os sentimentos e as posições verbalizados; 8. Comunicação. Entender que a comunicação não é apenas verbal, ela acontece das formas mais sutis de linguagem não-verbal;

9. Traços caracterológicos. Conhecer a si próprio, seus valores, idiosincrasias e caracterologia dominante; 10. Empatia. Poder colocar-se no lugar de cada um do grupo e entrar no “clima grupal”.

## Conclusão

O contexto aqui exposto serve como pano de fundo para o desenvolvimento de um programa educativo-participativo no setor de ambulatórios do Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense-RJ. Assim procedendo, buscamos colocar a reforma sanitária brasileira em prática, o que de fato vem acontecendo, conferindo ênfase à educação e participação ativa de clientes, estudantes e profissionais no processo. A proposta se concretizou, e permanece até os dias atuais, com encontros grupais e nas consultas ambulatoriais.

Neste estudo, buscou-se delinear um “outro modo” de relacionar educação e trabalho, mediada por um tipo de saber que vai além do saber instituído, coloca em outro patamar a questão da relação poder/saber e passa a exigir das instituições formadoras a coragem de revolucionar a relação entre teoria e prática, entre educador e educando, entre profissionais e clientela. Neste contexto, a Enfermagem nas últimas décadas vem modificando o paradigma do “fazer” para o “saber” e o “saber fazer”, que favoreceu a ampliação do seu conhecimento, assim como o seu fortalecimento no contexto social e profissional. Assim, teoria e prática se desenvolvem (Franco, 2009).

## Referências Bibliográficas:

- BARBIER, R. (1996) - *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro : Zahar.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde (2004) - *AprenderSUS: o SUS e os cursos de graduação da área de saúde* [Em linha]. Brasília : MS. [Consult. 27 Ago. 2009]. Disponível em WWW:<URL: <http://appis.org.br/media/aprenderusfinal.doc>>.
- COIMBRA, L. S. (2004) - *A sexualidade do cliente portador de diabetes mellitus e suas implicações na prática de enfermagem*. Niterói : Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense. Trabalho de conclusão de curso (graduação em enfermagem).
- COSTA, M. V. (2001) - *Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura*. In KUENZER, A. Z. [et al.] - *Cultura*,

linguagem e subjetividade no ensinar e aprender. 2ª ed. Rio de Janeiro : DP&A. p. 29-46.

FRANCO, J. J. S. (2009) - Os tipos de ensino no Curso de Licenciatura em Enfermagem: a opinião dos estudantes do 4º ano. **Referência**. Série 2, nº 9, p. 35-39.

LUDKE, M. ; ANDRÉ, M. (1986) - **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo : EPU.

MARTINS, J. C. A. (2009) - Satisfação dos doentes oncológicos com os cuidados recebidos durante o internamento: contributo para a validação e utilização da EORTC IN-PATSAT 32 na população portuguesa. **Referência**. Série 2, nº 9, p. 41-49.

RAMOS, L. G. A. (2004) - **O caráter educativo da consulta de enfermagem como instrumento de prevenção e tratamento das complicações crônicas do diabetes mellitus**. Niterói : Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense. Trabalho de conclusão de curso (graduação em enfermagem).

REIBNITZ, K. S. ; PRADO, M. L. (2003) - Formação do profissional crítico-criativo: a investigação como atitude de (re)conhecimento do mundo. **Texto e Contexto Enfermagem**. Vol. 12, nº 1, p. 26-33.

RODRIGUES, M. A. ; PEREIRA, A. M. ; FERREIRA, C. S. (2006) - **Da aprendizagem construída ao desenvolvimento pessoal e profissional**. 1ª ed. Coimbra : Formasau.

SABÓIA, V. M. (1997) - **A mão dupla do poder: a enfermeira e os idosos no grupo dos diabéticos do HUAP-UFF**. Niterói : EDUFF.

SABOIA, V. M. (2003) - **Educação em saúde: a arte de talhar pedras**. Niterói : Intertexto.

SAMPAIO, R. M. W. F. (1989) - **Freinet: evolução histórica e atualidades**. São Paulo : Scipione.

SILVA, B. M. S. (2002) - **A prática educativa em saúde da enfermeira com clientes diabéticos: uma perspectiva para a aceitação do diabetes mellitus**. Niterói : Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa, Universidade Federal Fluminense. Trabalho de conclusão de curso (graduação em enfermagem).

SILVA, D. G. V. [et al.] (2003) - Grupos como possibilidade para desenvolver educação em saúde. **Texto e Contexto Enfermagem**. Vol. 12, nº 1, p. 97-103.

TEIXEIRA, E. R. ; FIGUEIREDO, N. M. A. (2001) - **O desejo e a necessidade no cuidado com o corpo: uma perspectiva estética na prática de enfermagem**. Niterói : EDUFF.

VALLA, V. V. ; STOTZ, E. N. (1994) - **Educação, saúde e cidadania**. Petrópolis : Vozes.

WENDHAUSEN, A. ; SAUPE, R. (2003) - Concepções de educação em saúde e a estratégia de saúde da família. **Texto e Contexto Enfermagem**. Vol. 12, nº 1, p. 17-25.

ZAMANILLO, T. (2008) - **Trabajo social com grupos y pedagogia ciudadana**. Madrid : Editorial Síntesis.

ZIMERMAN, D. E. ; OSÓRIO, L. C. (1997) - **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre : Artmed